



A ANGOLANIDADE LITERÁRIA NAS PÁGINAS DA REVISTA MENSAGEM (1951-1952)

Karina Ramos

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

hr.karina@gmail.com

Resumo:

Assumindo as propostas do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), a revista literária *Mensagem - A Voz dos Naturais de Angola* (1951-1952) assumiria como missão a revelação da "angolanidade subjacente". Partindo do entendimento de que a forma e o conteúdo de *Mensagem* têm seu fundamento nesse conceito, sua revelação denota a atitude intelectual adotada para a construção de uma nova identidade cultural para Angola, projeto capital de uma publicação considerada paradigmática para o cenário intelectual angolano. Situado dentro do campo da História Intelectual, este artigo se apresenta como uma tentativa de revelar como a angolanidade literária foi construída dentro do pequeno universo discursivo de *Mensagem* a partir da efetiva verificação das contribuições estéticas e ideológicas dos movimentos culturais em circulação no meio intelectual angolano.

Palavras-chave: angolanidade - identidade - literatura - revista *Mensagem*.

Abstract:

Assuming the proposals of the Movement of New Intellectual Movements of Angola (MNIA), the literary magazine *Mensagem - A Voz dos Naturais de Angola* (1951-1952) assumed as mission the revelation of "underlying angolanity". Based on the understanding that the form and content of the message is based on this concept, its revelation denotes the intellectual attitude adopted for the construction of a new cultural identity for Angola, the capital project of a publication considered paradigmatic for the Angolan intellectual scene. Situated within the field of Intellectual History, this article is presented as an attempt to reveal how literary Angolanism was built within the small discursive universe of *Mensagem* from the effective verification of the aesthetic and ideological contributions of the cultural movements in circulation in the Angolan intellectual environment.

Keywords: angolanity - identity - literature - magazine *Mensagem*.

Construída pelos membros da geração intelectual de 1950,¹ *Mensagem* foi uma revista de Arte e Cultura inscrita no campo literário e defensora da poesia como instrumento de análise do cenário de sua época. Sob o *status* de órgão cultural e sob responsabilidade do departamento de cultura da Associação dos Naturais de Angola (Anangola),² o periódico elencou como colaboradores alguns jovens intelectuais tais como Viriato da Cruz, Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, Alda Lara, António Jacinto, Óscar Ribas, Mário António Fernandes de Oliveira, José Craveirinha, Bandeira Duarte, António Neto, Noémia de Sousa, José Mensurado, Ermelinda Pereira Xavier, Eduardo Castelbranco, entre outros. Isto é, intelectuais que anos mais tarde seriam considerados ícones do cenário cultural africano e, por outro lado, líderes do Movimento Popular para Libertação de Angola (MPLA)³. Foram eles aqueles que compuseram um periódico de curta duração que, no entanto, foi capaz de influenciar não apenas o desenvolvimento cultural de Angola, mas as futuras diretrizes políticas do país.

Engendrada em uma das encruzilhadas da trajetória colonial, cada entrega de *Mensagem*, *a priori* de periodicidade trimestral, girava em torno de 15 páginas e que em virtude das deficiências tipográficas de Angola era editada e impressa em Lisboa. Apesar de seu precipitado encerramento por força da censura do Estado Novo,⁴ o nível do material publicado é delator da intenção de seus colaboradores. Porta-voz do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA),⁵ a revista foi lançada em 1951 com o objetivo de construir a "Nova Cultura de Angola". Assumindo como suas as propostas do referido movimento, *Mensagem* teria como missão capital a revelação da "angolanidade subjacente". Deste modo, ao longo da análise do material elaborado inferimos que a compreensão do *ethos* do discurso emitido demandaria a verificação de como esse paradigma foi gestado dentro do pequeno mundo mensageiro.

¹ Nascidos entre os anos de 1920 e 1930 e oriundos das famílias tradicionais de Angola, esses intelectuais romperam o período de silêncio instaurado pela literatura colonial. Reivindicando a valorização cultural do homem negro, entusiasmados pelas ideias de descolonização da África, evidenciavam a falácia do discurso benevolente do governo salazarista. Uma de suas mais importantes características foi a possibilidade de atuarem, simultaneamente, dentro e fora da colônia (Luanda e Lisboa).

² Foi uma das inúmeras associações culturais e recreativas que tinham também como objetivo promover o debate acerca das questões referentes a adversidade social e racial promovida pela interação com os imigrantes portugueses. Dentre as associações de maior destaque, temos a Liga Angolana – que deu origem a Liga Nacional Africana, em 1933 – e o Grêmio Africano – que retornou também nos anos 1930 como Anangola –, ambas com representação no Conselho Legislativo de Luanda e criadas em 1912 e 1914, respectivamente.

³ Organizada em 1956, o MPLA foi uma das mais importantes organizações políticas-partidárias que encaminham a luta de independência em Angola.

⁴ Regime político autoritário implementado em Portugal entre 1933 e 1974. Administrado por António Salazar, é comumente chamado de "salazarismo". Em função das pressões advindas dos movimentos de descolonização em África, Angola sofreria com as pressões da metrôpole e que a levariam a luta anticolonial.

⁵ Movimento literário, de caráter multicultural, e que teria como lema o grito "Vamos Descobrir Angola".

O modo como escreveram e sobre o que escreveram têm seu fundamento nesse "modo de conceber o mundo" que, antes de mais nada, buscava dar legitimidade a um sentimento e a uma razão para a construção da nova identidade cultural de Angola. Dito isto, é fundamental que dois pontos sejam previamente esclarecidos. O primeiro deles é que, tal como também se tem interpretado a criouldade, a angolanidade é por nós observada simultaneamente como uma teoria, um conceito e um método, lançando não apenas uma ética, mas uma estética particular e multicultural. O segundo ponto é que, em função tanto dos poucos trabalhos dedicados a epistemologia da angolanidade quanto em virtude da natureza das propostas levantadas pelos mensageiros, tomamos a liberdade de adotarmos um adjetivo cabível, passando a trabalhar com a ideia de "angolanidade literária". Acreditamos que isto torne mais claro o objetivo de se apreender essa "substância literária angolana", aqui previamente compreendida como paradigma emergente de um processo de formação identitária que foi construído a partir de uma interação dialética com os movimentos culturais exógenos a Angola.

Os debates em torno da angolanidade

Ao ser questionado sobre a definição de angolanidade em uma entrevista concedida ao jornal África, o renomado escritor angolano Pepetela confessou a dificuldade encontrada na definição ao considerá-lo "um conceito abstrato", limitando-se a apenas confirmar a grande relevância do mesmo.⁶ De fato, perante a profusão de debates travados acerca da angolanidade, conclui-se que a elasticidade pode ser compreendida como sua maior característica, mas não como um sentido em si. Justamente em função de sua plasticidade, houve um esforço intelectual em lidar com as suas inúmeras releituras e é sobre parte desses debates que nos ocupamos neste primeiro momento. Isto porque, como se pôde observar, o desvelo da "angolanidade subjacente" funcionou como uma missão para os mensageiros uma vez que ela serviu como fio condutor para a construção de uma nova cultura angolana, conforme as orientações do MNIA.

Para que se compreenda o caráter evolutivo da angolanidade propomos a confrontação de diferentes perspectivas adotadas em diferentes obras e em diferentes tempos, muito embora nem todas as análises versem ou especifiquem a qualidade dessa angolanidade, isto é, a classifiquem seja como literária, cultural ou política. Isto posto, inicialmente temos a definição etimológica trazida por Patrício Batsíkama (2013), segundo a qual a angolanidade é

⁶ Entrevista em parceria com Margret Amann. Publicada no jornal África, de 14 de junho de 1989.

compreendida como um conjunto de valores ou qualidades angolanas. Acepção que se faz importante, no entanto preliminar para a análise que aqui se pretende. Partindo de uma análise de fundo antropológico, no desenvolver desse mesmo trabalho o autor vincula a angolanidade à teoria lusotropicalista promovida por Gilberto Freyre uma vez que, comparativamente, a estrutura da primeira reproduziria a estrutura da segunda, isto é, ambas apresentariam a mesma lógica no que se refere às suas representações.(BATSÍKAMA, 2013, p.51)

Seguindo este raciocínio, a angolanidade funcionaria como continuação do lusotropicalismo posto que a estrutura basilar deste último teria sido mantido, alterando-se apenas a composição dos agentes: segundo a angolanidade, o “eu” funcionaria como o assimilado do litoral; o “não-eu” enquanto o não-assimilado do interior; e o “outro” enquanto o português. Ainda dentro do entendimento de Batsíkama, haveria diferentes tipos de angolanidade cujas funcionalidades se dariam em função dos diferentes momentos de sua aplicação. Perspectiva que aproxima a sua análise da concepção evolutiva de Manuel Jorge (2006), muito embora para Batsíkama a angolanidade como reflexão crítica do lusotropicalismo não tenha superado o fio operacional elaborado por Gilberto Freyre. Ao trazer a noção de binarismo cultural para a angolanidade, Batsíkama se aproxima da interpretação de José Carlos Venâncio. Partindo da sociologia da cultura, este autor entende a angolanidade como o modo peculiar através do qual os intelectuais angolanos apreenderam o cabedal implantando pelo colonialismo, assim como a sua “consequente predisposição de o quererem transformar [...] por meio de sua (des)alienação em relação [...] às sociedades tradicionais” (VENÂNCIO, 1992, p.21).

Deste modo, seria através da interiorização do espaço crioulo – que, para o autor, funciona como sinônimo de espaço luandense – que se daria a vivência comum da angolanidade. Sobre este aspecto, de fato a capital funcionou como espaço permissivo ao desenvolvimento da angolanidade ao conformar uma pluralidade potencialmente representativa da cultura angolana em sua totalidade (CHAVES, 1999, p.132). É de se salientar que a perspectiva de Venâncio pôde ser lida como integracionista na medida em que identifica dois e apenas dois conjuntos de elementos para a formação “prospectiva” da angolanidade, em que a ordem portuguesa e a africana conformariam uma síntese harmônica. *Grosso modo*, uma análise que, além de fazer uso de divisões atomizadas sobre a literatura da "África lusófona" pré-independência, redundava em uma perspectiva bivalente. Ainda na esteira das teorizações acerca da angolanidade, é fazendo uso de um instrumental teórico

diferenciado que Nascimento (2011, p. 2) produz uma análise capaz de minimizar a tensão da lógica cultural de “cabo-de-força”.

Se em paralelo com a teorização proposta pelo escritor angolano Luís Kandjimbo (2014), as análises supracitadas não exprimem a profundidade da angolanidade. Segundo ele, a angolanidade tem como imperativo a revogação da ideia de bivalência cultural uma vez que se destinaria a totalidade das comunidades humanas. Indo de encontro a noção de “mestiçagem cultural”, o autor assevera que invariavelmente o embate conceitual travado entre a criouldade e a angolanidade é revelador de um profundo problema no campo cultural angolano, produto das distorções das definições do que de fato seria o endógeno e o universal, percepção que o faz corroborar com Víctor Kajibanga (2015). Análises essas que, em certa medida, endossam a aceitação de uma heterogeneidade cultural para a sociedade angolana. Kandjimbo categoricamente refuta a leitura de José Venâncio, tal como o conceito de criouldade dado que, para ele, trata-se de uma noção construída a partir dos parâmetros europeus de cultura, sendo sustentada e legitimada pela perspectiva colonialista. De acordo com a teoria da criouldade, a presença portuguesa funcionaria como a principal causa da existência da matriz crioula, sendo inclusive o princípio fundador da angolanidade.

A aplicação dessa lógica sobre o âmbito cultural faria da literatura angolana senão “uma coloração local da literatura portuguesa” (KAJIBANGA, 2015, p.9). Corroborando com a crítica kajibangiana e propondo uma discussão teórica mais factual da literatura angolana das décadas de 1960 e 1970, Kandjimbo afirma que a angolanidade seria marcada pela universalidade uma vez que a pluralidade discursiva inerente a um conjunto totalizante se fazia necessária. Assim a angolanidade representaria a “apologia da resistência” (KAJIBANGA, 2015, p.3) na medida em que buscaria a superação dos limites culturais impostos. Neste sentido, as palavras de Mário Pinto de Andrade, um dos mais destacáveis colaboradores de *Mensagem*, são cabíveis e consonantes com a análise de Kandjimbo:

[...]a angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas, abraça e ultrapassa dialecticamente os particularíssimos das regiões e das etnias, em direcção à nação. Ela opõe-se a todas as variantes de oportunismo (com as suas evidentes implicações políticas) que procuram estabelecer uma correspondência automática entre a dose de melanina e a dita autenticidade angolana. Ela é, pelo contrário, linguagem da historicidade dum povo. (ANDRADE apud BATSÍKAMA, 2013, p.54)

Sobre afastamentos e aproximações, o angolano Manuel Jorge (apud KANDJIMBO, 2014, p.3) refuta a concepção a partir da qual a angolanidade se construiria direccionada e exclusivamente em função da negação do complexo cultural do colonizador. A partir de ações afirmativas, a construção da angolanidade demandaria o reconhecimento crítico das inflexões

do processo histórico, admitindo em sua composição tanto os legados do colonialismo quanto da cultura portuguesa, sem que isso, no entanto, a encaminhasse a uma forma relativista. Ambos os autores refutam a noção de mestiçagem cultural como base da angolanidade, tornando-se patente que esta funcionaria também como instrumento de combate às teorias fabricadas pelo colonialismo, cujas estruturas tendenciosamente se consolidam sobre um caráter atomizante. Neste sentido, se nos aproximamos dos teóricos dos estudos culturais, a angolanidade preveria o combate à uma epistemologia exógena, afastando-se de qualquer consentimento com a “colonialidade do saber”⁷, especialmente na medida em que traria em sua construção uma localização geográfica.

Ao ponderar as teorias da criouldade e lusotropicalista, Kandjimbo (2014, p.6) defende a angolanidade como instrumento mais cabível, tanto político quanto cultural, para a promoção da chamada “exorcização conceitual da mentalidade colonial”. Ou seja, um instrumento hábil na promoção de um cânone literário, capaz de corrigir as distorções causadas pelo discurso assimilacionista a partir de uma estratégica categoria de enunciação literária. Kandjimbo defende uma abordagem de caráter endógeno para o discurso literário angolano uma vez que o conhecimento real de um conjunto literário invariavelmente depende das suas estruturas internas. Isto é, a substância de uma determinada cultura deve corresponder às demandas e inflexões referentes ao contexto interno experimentado. Kajibanga infere que tanto a resistência de intelectuais mestiços na composição do quadro intelectual protonacionalista quanto o envolvimento de escritores mestiços com uma literatura negritudinista são, por si só, evidências de um sentimento de desconforto.

O argumento do autor pretende, portanto, esfacelar as garantias de uma consciência de raça dos mestiços que lhes teria permitido uma complacência com a presença portuguesa o que, dentro desse nexos, endossaria a noção de uma harmonia cultural, racial e social em Angola. Para ele, a sociedade angolana não pode ser percebida como uma “típica e harmônica sociedade crioula” dado que, em primeira instância, a própria essência social do colonialismo interdita a possibilidade de uma horizontalidade dentro de suas relações para com as populações colonizadas. Partindo do entendimento que *Mensagem* conglobava intelectuais

⁷ *Grosso modo*, haveria a perpetuação nas mais diferentes esferas de uma sociedade colonizada da estrutura organizacional do conhecimento e do poder colonialista que, lançando mão de recursos disponíveis, simbolicamente provincianizaria os processos e o produto final das relações dessa mesma sociedade colonizada. A colonialidade do saber, neste sentido, apontaria o reducionismo da concepção eurocêntrica do conhecimento universal, denunciando a tendência da relação entre poder e território. Para mais, ver: MIGNOLO, Walter. Histórias locais, projetos globais. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

atuantes em Lisboa e em Luanda e, outrossim, intelectuais brancos, negros e mestiços, a contraposição dessas perspectivas torna-se fecunda.

O reflexo da Negritude na angolanidade de *Mensagem*

Compreendendo as possíveis conceituações em torno da angolanidade e a porosidade como característica primordial de seu esteio, é cabível que nos perguntemos quais elementos, do percurso que vai da gênese aos posteriores desdobramentos da Negritude,⁸ poderiam ser encontrados na estrutura da angolanidade literária subjacente às páginas de *Mensagem*. A princípio, esta relação poderá parecer um exercício de análise artificioso. No entanto, a angolanidade – por mais que se postule como fator e produto da historicidade de Angola – não esteve imune às inflexões do mundo das ideias. Os intelectuais envolvidos em seu processo criador e evolutivo estavam imersos em um determinado contexto, portanto, há neste conceito uma camada de influências que deve ser revelada. Além disso, boa parte dos colaboradores de *Mensagem* estava inserida em uma rede de sociabilidade que, como se pôde perceber, incluía a intelectualidade negra atuante na França, relação que facilitou o acesso às ideias provenientes daquele meio.

Destarte, ponderando as possíveis formas assumidas pela angolanidade ao longo de sua evolução, destacaremos duas das rubricas negritudinistas que puderam ser identificadas na elaboração poética de *Mensagem*: 1) a manifestação de um sentimento de solidariedade/fraternidade; 2) o resgate das tradições culturais africanas, em que a busca da ancestralidade se daria por diferentes vias de representação. A aproximação com essas rubricas pretendia a abertura de novos caminhos dentro um movimento de rotação literária com o objetivo de, *a priori*, se exaltar o “sentimento e a manifestação de ser negro”. Nos resta apreender de que forma essas características foram incorporadas pela angolanidade literária no periódico.

Solidariedade e angolanidade

De acordo com a formulação de Aimé Césaire (1978), a solidariedade é um dos elementos basilares da Negritude e essa espécie de “apologia do negro de todo o mundo” é encontrada em *Mensagem* sob diferentes formas. Uma dessas formas encontra-se no tom

⁸ Movimento cultural que buscava a valorização do homem negro. Se originou com a formação da revista *L'Étudiant Noir* em 1935, fruto de uma organização estudantil encabeçada por Léon Gontram Damas, Aimé Césaire e Léopold Senghor, três estudantes negros da diáspora. A sua disseminação, no entanto, se deu a partir dos anos 1940, especialmente depois da Segunda Guerra Mundial, sendo alavancada em 1941 com a inauguração da revista *Tropiques*, de Aimé Césaire e com o ensaio *Orphée Noir* do filósofo francês Jean-Paul Sartre, de 1948.

convocatório anunciado logo no pórtico do primeiro número da revista que, reiteradamente, vai se confirmando ao longo das páginas seguintes. Inaugurando o periódico, "Mensagem"  um dos poemas de Ermelinda Pereira Xavier. Fato que, em si, indica uma postura progressista por parte dos envolvidos no periódico: era dada a voz a uma mulher que, ao lado de Alda Lara, atuou em defesa do espaço feminino na produo literária angolana. Embora a notoriedade de sua produo seja baixa, talvez pelo reco da cena literária após sua colaborao na revista Cultura II, os versos de "Mensagem" endossam a tônica militante de sua atuao literária. Com a finalidade de brindar coletividade  sua poesia, Xavier lança mão de um eu-lírico na primeira pessoa do plural, compondo os versos do pórtico em tom convocatório: "Avante, irmão, demos as mãos/ e comecemos a nossa jornada: /vamos buscar os outros irmãos/ que hesitaram em dizer sua mensagem [...]".

Muito embora em "Nossa fome" - outra obra da poetisa publicada no número triplo da revista *Mensagem* - Xavier dirija-se diretamente a um leitor do gnero feminino, o poema "Mensagem" também emite um *lance*⁹ específico através de palavras de esperança que pretendem habilitar os leitores/irmãos a novamente acreditarem na superao dos obstáculos, contanto que unidos em prol de um bem maior para a comunidade. Nota-se que, nascida em Lobito, Xavier produziu sua obra desde Portugal quando ainda cursava a faculdade de direito em Coimbra. Ou seja, geográfica e intelectualmente mais próxima de propostas inclinadas a um perfil, digamos, mais congregador. A reincidência dos substantivos "solidariedade" e "fraternidade" e do emprego redundante do vocativo "irmãos" ecoam ao longo de toda a revista *Mensagem*, embora por das vezes o eco tome outras formas pelo caminho.

Há no periódico uma notória manifestao do sentimento de solidariedade que dialoga diretamente com a perspectiva solidarizante da poetisa angolana Ermelinda Xavier. Isto se afirma na medida em que *Mensagem* se prestou a divulgar os trabalhos tanto de intelectuais africanos quanto de outros de ascendência em comum. O reconhecimento desses "valores" pôde ser detectado tanto no *lance* das poesias quanto no conteúdo das mesmas. Conforme previsto no programa da revista, *Mensagem* se colocaria a serviço da elevao espiritual de Angola, conglobando os irmãos espalhados ao redor do mundo que não necessariamente haveriam de ser negros e africanos. Deste modo, compreende-se a funo das sees "Panorama" e "Iniciaes", por exemplo, nas quais havia a divulgao de trabalhos realizados

⁹ A categoria pocockiana de *lance* fundamenta a noo de que um ato de fala enunciado por um autor ou grupo visa alterar o contexto linguístico convencional, revelando ao historiador o que o autor ou grupo estava fazendo no momento de sua enunciao. A especificidade deste *lance*  determinada pela necessidade contextual de seus emissores, por seu locus social, político, intelectual. Para um melhor entendimento, ver POCOOCK, J. A. Linguagens do ideário político. São Paulo: EDUSP, 2003, passim.

por autores de diferentes nacionalidades e "cor de pele", como dos brasileiro Ciro Costa, da poetisa moçambicana Noémia de Sousa, do senegalês David Diop e da poetisa chilena Gabriela Mistral, entre outros tantos.

Já a valorização da atuação do homem negro realizada por meio dos versos pode ser lida como uma tentativa de reconstrução da memória histórica. Comumente há a referência à intelectuais e personagens históricos que contribuíram com a elevação da história cultural do "mundo negro" e isto é feito pela tônica da fraternidade. *Mensagem* traz o poema "Mãe Negra" de Viriato da Cruz que, além de ser dedicado ao poeta haitiano Jacques Roumain, ao longo de seus versos reverencia diversos ícones da cultura negra: " – Vozes de toda América! Vozes de toda África! Voz de todas as vozes na voz de Langston Na bela voz de Guillén... Rebrilhantes dorsos torcidos no tronco pendentes da força, caídos por Lynch!".¹⁰ O que torna o poema de Viriato um grande marco é, além do teor denunciativo de seus versos, a composição entre as "duas formas" de solidariedade.

O que salta aos olhos sobre a tônica da solidariedade em *Mensagem* é que não há homogeneidade no tocante à questão racial, o que a difere da solidariedade negritudinista. Não é evidente a que qualidade de "irmão" os mensageiros se referenciavam – exceto quando declarado "irmãos de Angola", por exemplo, no corpo dos editoriais. Seria uma imoderação ou, no mínimo, um atropelo inferir categoricamente que haveria a indicação de uma ligação restritivamente racial em "irmãos de todo o mundo", por exemplo. A advertência de Mário Pinto de Andrade¹¹ é sintomática e confirma um caráter universalista na angolanidade literária, *a priori* construída a fim de suplantar a tônica racial. De acordo com ele, a angolanidade não poderia ser definida pela "dose de melanina" posto que se sustenta principalmente como representação da historicidade do povo angolano. Esse apontamento de Andrade corrobora com a leitura por Alfredo Margarido (1980) de uma angolanidade apartada de determinismos raciais, testificando uma noção supra racial a ser defendida por esse "novo modo de conceber o mundo" em *Mensagem*.

¹⁰ Ao dedicar o poema a Roumain e ao citar Hughes Langston e Nicolás Guillén, Viriato invoca o Indigenismo haitiano, o Renascimento Negro norteamericano e o Negrismo cubano, respectivamente. Movimentos esses que, apesar de suas particularidades, trouxeram um enfoque afirmativo do homem negro e de sua cultura.

¹¹ Mário Pinto de Andrade foi um dos mais destacáveis intelectuais de sua geração. Como não seria de se admirar, sua trajetória intelectual e política se direciona à realidade de Angola muito embora esteja alocada na frente de Lisboa. Dedicado estudioso da cultura angolana, Andrade foi estudante de Filologia clássica na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, tendo seu horizonte ampliado a partir de suas atividades na Casa dos Estudantes do Império (1943) e no CEA, ambos em Lisboa. Desde muito jovem se colocara em posição de combate às imposições da cultura ocidental, delatando as desigualdades sociais e culturais propiciadas pela lógica do imperialismo.

Se observados poemas como “Mamã Negra” e sobretudo os poemas “Sangue Negro” e “Negra” de Noémia de Sousa, a relação com a comunidade negra é indiscutível. Tal como Ermelinda Xavier, Noémia de Sousa atuava desde Portugal e colaborava, ao lado de Amílcar Cabral e Alda do Espírito Santo, em um centro de "reafricanização dos espíritos". O que nos indica que seu *lance* é construído a partir de uma trajetória intelectual específica. Por outro lado, por mais que em “Mamã Negra” haja uma alusão aos homens “de cor”, há também um envolvimento para com os "irmãos de destino": aqueles que sofreram com o processo escravagista, no caso. Dialogando com essa comunhão pelo trauma, o número triplo de *Mensagem* publica “Náusea”, um dos contos de Agostinho Neto – mais um dos integrantes do Centro de Estudos Africanos (CEA).¹² Nele o contista nos traz a voz do Velho João, um morador de musseque¹³ que se desloca à ilha de Luanda a visitar a família, e que vem a representar a síntese das vozes de outros negros que tiveram a mesma experiência traumática relacionada ao mar: o tráfico negreiro.

Há nesses poemas uma conexão com a questão racial, no entanto, eles são exceção no montante das publicações mensageiras. Dado que novamente reduz um possível tom estritamente racializado na convocação fraternal da literatura em *Mensagem*. A exaltação de um sentimento de solidariedade teria em vista questões que, embora tangenciem o racismo, divergem para outras experiências em que a condição de subalternização também se apresente. Dentro das seções fixas também é notório o combate à segregação, tal como a necessidade de unificação para a superação das imposições ditadas pela civilização dita ocidental. São *lances* em prol de posições mais humanas e de superação das diferenças. No início daquela década, a explicitação da solidariedade em função unicamente de uma cor de pele representaria uma postura pouco apreciada. Àquela altura, já haviam sido colocadas as críticas aos movimentos que se baseavam na noção de raça como fator de coesão. O próprio Césaire, em entrevista cedida a Jacqueline Leiner, havia refutado a noção de “racismo ao contrário” e essa ideia se fazia presente em intelectuais mensageiros como Mário Pinto de Andrade e Agostinho Neto.¹⁴

¹² Em função da censura que lhes cerceava a divagação de ideias na CEI, na casa da família de Alda Lara do Espírito Santo intelectuais como Mário Pinto de Andrade e Amílcar Cabral encontraram espaço para desenvolver em liberdade seus ideais. Foi um profícuo espaço de circulação de ideias e fortalecedor dos vínculos afetivos e políticos entre aqueles intelectuais, permitindo que dele se estruturasse o CEA no ano de 1951 em Lisboa.

¹³ Assentamento urbano informal com precárias condições estruturais.

¹⁴ Com uma trajetória similar à de Andrade, é válido destacar que o mensageiro Agostinho Neto foi um dos que manifestou uma orientação mais politizada em detrimento da visão de um intelectual omissor. Estabelecido em Portugal já no início da década de 1940, Neto colaborava em *Mensagem* e, simultaneamente, participava das atividades sociais, políticas e culturais da direção administrativa da CEI.

Retorno às origens

É sabido que o resgate das tradições culturais africanas funcionou como uma das rubricas do movimento negritudinista. Foram diversas as estratégias adotadas para a realização deste reencontro, dentre as quais destacaremos as mais pontuais – em função de um possível paralelo com as elaborações poéticas em *Mensagem*. Deste modo torna-se crucial pensarmos no lema “Vamos Descobrir Angola”¹⁵, palavra de ordem do MNIA que, *grosso modo*, incentivava o conhecimento e a valorização da cultura tradicional angolana a fim de superar a noção de inferiorização propalada pela perspectiva eurocêntrica. Um vez que a angolanidade é tida como reveladora de “um processo histórico que tem suas raízes na Negritude”, qual teria sido o sentido do "Vamos Descobrir Angola" em 1951, em um contexto histórico específico e observado por diferentes olhares? E por olhares lançados desde centros estudantis como o já referido CEA, em Lisboa? Nesta direção, nos deteremos sobre as elaborações poéticas de *Mensagem* que possam nos indicar a resultante desse resgate de valores para a angolanidade literária em construção, sem perder de vista que esse exercício de retorno às origens era efetuado pelas duas frentes de combate (Lisboa e Luanda).

Neste sentido, Santos (2007, p.28) reitera a recorrência do tema “Mãe África” e indica que tal temática funcionaria como um grito de afirmação da identidade angolana na medida em que resgata o elemento ancestral há muito tempo encoberto pela literatura colonial. Em *Mensagem*, isto é claramente identificado nos poemas de Viriato da Cruz: “Dois poemas à Terra” e “Mamã Negra”. Essa relação terra-África-mãe é identificada também nos poemas da moçambicana Noémia de Sousa, já ela uma “assimilada destinada”¹⁶. Uma outra forma de representação das geografias física e humana de Angola se faz, especificamente, pela simbiose da natureza com as imagens da mulher negra. Neste sentido, merece destaque o conto “Se não fosse a Victoria”, de Maria de Jesus Nunes da Silva e o poema de Maria Joana

¹⁵ O MNIA foi herdeiro do anterior movimento denominado “Vamos descobrir Angola”, este último com data de fundação ainda discutível. De caráter exclusivamente literário, o primeiro insurge em 1950, apropriando-se do nome do embrionário movimento “Vamos descobrir Angola” como lema e/ou grito de ordem.

¹⁶ Tomamos a liberdade de flexionar o gênero do conceito original. A ideia, cunhada por Viriato da Cruz, refere-se aos intelectuais que, por razões variadas, foram estudar na metrópole e que, seja por um sentimento de solidariedade ou patriotismo, voltaram os seus estudos para as questões africanas. Este conceito funciona em oposição ao de “assimilado objeto”, isto é, intelectuais que permaneceram em Angola, *in loco*. Há de se esclarecer que os conceitos elaborados por Viriato da Cruz têm uma carga política acentuada. Foram criados a fim de legitimarem sua dissidência do MPLA nos anos 60. Neste sentido, a utilização de tais conceitos neste presente trabalho não pretende reproduzir o sectarismo que reside em sua gênese.

Couto da Silva, “A Vênus Negra”. Ainda costeando a relação da natureza com o homem negro, *Mensagem* traz o conto “Poesia africana” de Leston Martins.¹⁷

Martins realiza a aproximação entre a natureza e o homem negro, dando-lhe um lugar de fala. *A priori*, esse nexos amarraria o homem negro ao mundo do sentimento. A essência da natureza funcionaria como elementos mais expressivo do mundo negro. Esta condição seria entendida, portanto, como um atributo próprio do homem negro, chegando a funcionar como uma única forma de transmissão cultural. No entanto, Martins foi capaz de afastar a tônica essencialista de sua narrativa na medida em que recobra a exploração sofrida pelo homem negro e revela a alienação sofrida em virtude da lógica do trabalho imposta pela administração colonial. Essencialismo esse ao qual Viriato da Cruz soube se furtar também. Construindo uma crítica à imagens e representações viciosamente não problematizadas, Leston Martins permite que o personagem Tuidilii – “o preto bom” – represente a parte de um todo submetido a um sistema que solapava as estruturas sociais.

Destarte, a questão do retorno seria uma forma de regressar “espiritualmente ao passado, sem, contudo, fazer uma poética passadista: é nesse recuo que se afirma social e culturalmente a fim de hominizar o homem negro africano”. Para além do resgate através da redescoberta dos elementos da natureza, é perceptível em *Mensagem* a retomada de outros elementos do campo cultural, como tradições alimentares, música, dança, religião, entre outros campos que são colocados para além de “pura idiossincrasia”. É interessante perceber que em *Mensagem* o movimento de retomada das tradições não reduz a realidade do contexto a partir do qual a obra é produzida, haja vista os resumos críticos elaborados dentro do periódico. O patrimônio cultural é reintegrado de maneira que se torne, sutilmente, parte integrante e atuante das relações sociais do homem angolano. É esse um dos grandes contributos do efeito provocado por esse “novo modo de perceber o mundo” através da literatura, essa nova literatura construtora da Nova Cultura de Angola que teria, sim, seu propósito político e ideológico.

É através da retomada da ideia de reinscrição que a descoberta da cultura tradicional de Angola é desviada de um possível caráter místico, e note-se que, o sentido de cultura para

¹⁷ Consonante com seus princípios políticos Leston buscou uma maior aproximação com a Liga Nacional Africana, assim como o fizera Viriato da Cruz, em função da postura colaboracionista e pouco progressista da Anangola. Prenunciando um “núcleo duro” da frente luandense, esse afastamento da Anangola também foi dado por um dos fundadores do MNIA e ainda chefe da redação de *Mensagem*: António Jacinto – afastamento esclarecido na carta que esse endereçou ao seu “camarada”, o mensageiro Agostinho Neto que estava em Lisboa desde 1948.

o conjunto de *Mensagem* dependia de uma concepção totalizante. Deste modo, o poema "Namoro" de Viriato da Cruz traz à cena poética, por exemplo, os elementos da flora angolana e os aproxima da vivência na esfera social, não se limitando a descrever itens exóticos pertencentes à geografia angolana, de modo muito similar a poesia elaborada pelo mensageiro António Jacinto. "Namoro" incorpora ainda atributos da cultura popular como a dança e indica práticas religiosas de tal modo que se tornem complementares e naturais ao contexto social presente. Em Viriato da Cruz, a poesia emerge não apenas da estrela que risca o céu, mas também do Bairro Operário:

Levei à avó Chica, quimbanda de fama a areia da marca que o seu pé deixou para que fizesse um feitiço forte e seguro que nela nascesse um amor como o meu... e o feitiço falhou. [...] Andei barbado, sujo e descalço, como um mona-ngama [...] Para me distrair levaram-me ao baile do sô Januário mas ela lá estava num canto a rir contando o meu caso às moças mais lindas do Bairro Operário Tocaram uma rumba – dansei com ela e num passo maluco voámos na sala qual uma estrela riscando o céu! (*Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola*, Luanda, ano 1, julho/1952, nº 1, p.7).

De acordo com Manuel Jorge (2002, p.4), a revelação da estrutura social angolana compete à angolanidade. Ao alcançar esta esfera, portanto, seria natural que os movimentos culturais externos a Angola e dotados de uma função social se colocassem no caminho dos Novos Intelectuais. De qualquer modo, tendo em vista a incorporação "em parcelas", eles marcaram a sua presença nas páginas de *Mensagem*. E muito embora não houvesse uma referência formal, a presença dos movimentos literários brasileiros é evidente dada a adoção de uma postura antropofágica da cultura, a valorização e afirmação de uma identidade e, outrossim, a maneira através da qual se deu a abordagem social. Após o desvelo das inflexões e influências da Negritude – um movimento negro surgido nas entranhas do império –, verificaremos a direção dos ventos brasileiros que, ao serem apanhados pela “substância nacional angolana”, seriam conseqüentemente sentidos e reanimados literariamente pelos mensageiros.

Modernismo e Regionalismo brasileiros

Segundo a análise de Salvato Trigo (1979, p.40), em torno dos anos 1950 o cenário intelectual angolano demandava o tecer de vínculos com movimentos literários e culturais cujos pressupostos fossem capazes de afastar a cobertura ocidentalizada. Pelo que pudemos constatar, as apropriações das propostas negritudinistas auxiliaram nesse processo de superação. No entanto, a construção da angolanidade literária dos anos 1950 demandava a aproximação com outros imperativos literários que também indicassem caminhos para a

revelação do complexo social de Angola. Neste sentido, ao longo da observância do quadro intelectual angolano, pode-se afirmar que no início da década de 1950 essa "alteração de lentes" foi garantida a partir do encontro com outro campo literário: o brasileiro. Esse diálogo denotaria a inclinação ideológica da literatura a ser desenvolvida pelo projeto que envolvia *Mensagem*, especialmente se temos em vista o ethos das obras regionalistas brasileiras a partir da fase dominada pelo realismo social – já dissociadas da tendência lusotropicalista de Gilberto Freyre.

A reprodução das vozes sociais

A angolanidade literária construída em *Mensagem* revelaria sua função social por meio de um telurismo que só teria se consolidado a partir da segunda fase da Geração, isto é, a partir de 1953. No entanto, as páginas de *Mensagem* nos permitiram perceber uma atuação proeminente neste sentido que, inegavelmente, sofreu influência desse complexo literário brasileiro pós-1930, cuja nota saliente se deu a partir de obras neorrealistas. Notoriamente inspiradas pelo marxismo e já transfiguradas pelo realismo social, elas teriam sido capazes de superar o caráter pitoresco próprio de uma leitura romântica. Deste modo e de acordo com Mário Pinto de Andrade, o desenvolvimento da literatura africana encontraria no Brasil um caminho para uma autêntica criação literária, posto que o telurismo, por si só, parecia insuficiente em revelar o processo de alienação sofrido em Angola.

De acordo com Soares, haveria a recusa de “alguma ingenuidade social ou algum sentimentalismo”, afastamento que intensificaria a necessidade de protesto social. A partir de 1930, a literatura regionalista lança representações sociais centradas no sujeito enquanto agente transformador do meio e que, em um movimento dialético, surgia também transformado pelo próprio meio. Produz-se, então, uma narrativa em que a sociedade é representada a partir dos elementos internos, podendo ser encarada inclusive como um testemunho social de regiões obscurecidas pela lógica do subdesenvolvimento. Neste sentido, Viriato da Cruz manifesta uma poesia regionalista e é considerado por Andrade o inaugurador da corrente nacionalista da literatura angolana. Viriato àquela época já tinha grande visibilidade no país e suas tentativas de poesia regionalista foram bem recebidas por seus companheiros.

Dentro dessa perspectiva, o sentido trazido pelo regionalismo não pretendia promover uma ação segregacionista, mas sim trazer à superfície as particularidades inerentes

a qualquer tecido social e, sobretudo, nacional. Pode-se depreender que, deste modo, a relação com a literatura brasileira – especialmente com o regionalismo social – funcionou como uma lente crítica aos mitos reiterados por uma suposta e harmônica mestiçagem biocultural. Portanto, compreendendo o movimento regionalista como instrumento de afirmação nacional pela via da crítica social, acrescido da tendência em descrever costumes locais e formas de vida social tanto do campo quanto da cidade, percebe-se a intenção em reconfigurar uma figura total da dimensão humana.

Dentre os colaboradores de *Mensagem*, Agostinho Neto e António Jacinto, apesar das diferenças em suas trajetórias intelectuais, foram aqueles que mais ostentaram as marcas do neorealismo regionalista em suas poesias. Jacinto, inclusive, foi um dos mensageiros que declarou o seu real conhecimento sobre a vida dos contratados e "dos camponeses do interior", não dissociado disso suas elaborações tocam temas como o analfabetismo e o proletariado. Tal como esses, havia outros mensageiros que não faziam uso da "fantasia" em suas representações. A postura de denúncia é percebida tanto nos assimilados em Angola quanto nos assimilados no exílio como Noémia de Sousa, Mário Pinto de Andrade, Mário António Fernandes de Oliveira, e até mesmo em colaboradores não-fixos, como no caso do brasileiro Ciro Costa.

A reivindicação material do povo angolano realizada através dos versos de "Bandeira", poema de Maurício Gomes, fora tamanha que impediu que sua obra fosse publicada em *Mensagem*. Devido a intervenção dos órgãos de censura, *Mensagem* notifica o inconveniente – sem, no entanto, mencionar as razões da não publicação. Em sua segunda fase de produção, Maurício Gomes traz uma poesia que afirma um caráter social, "forte e verdadeiro", diferentemente da tônica que marca "Estrela Pequeninina". Este último poema que, de acordo com a crítica literária realizada em *Mensagem*, remete ao drama do negro de uma maneira contemplativa, isto é, não apresentando a abordagem que contemplaria as demandas levantadas pela sociedade – muito embora esteja presente na Antologia dos Novos Poetas de Angola (1950).

É interessante ressaltar que a fase social de Gomes ganhará tons com a publicação de "Exortação" em 1958, uma espécie de meta-poema que indica estratégias para a invenção de uma nova poesia angolana. Observando as redes de sociabilidade, o referido poema logo em seus versos iniciais faz referência aos poetas modernistas brasileiros Ribeiro Couto e Manuel Bandeira. Outrossim os versos de "Ser poeta" de Bandeira Duarte surgem em *Mensagem* como um tutorial, indicando os caminhos a serem percorridos pelo moderno poeta angolano

de um modo similar às propostas levantadas por Maurício Gomes. Solidariedade supra racial, crítica social e a refuta à cultura opressora do ocidente são elementos constituintes do *lance* de Duarte que, pelo visto, dialoga com os *lances* efetuados por alguns dos mensageiros.

Aos olhos da censura, outro poema que parece ter extravasado os limites da crítica social foi “O castigo”, de José Mensurado. De acordo com a notificação realizada, torna-se evidente o caráter social de seus versos. “Debruçado sobre o seu povo” – de acordo com a análise crítica – as palavras de Mensurado estavam imbricadas à realidade social angolana, dedicadas a compreensão das causas que condicionam o homem angolano a situações sociais de desconforto. Dialogando com muitas das denúncias presentes no conto “A Conceição” de Humberto da Silvan, “Cipaio” revela uma sociedade imersa em desigualdades sociais, raciais, em corrupção e, em especial, apresenta uma crítica sobre a questão laboral em Angola. Mário António reconstrói um cenário repleto de elementos culturais próprios de Angola sem, no entanto, tribalizá-los. Muito pelo contrário, o poeta angolano os insere como elementos atualizados e atualizáveis a partir do contexto real da experiência dos angolanos.

É a partir do contexto e da crítica social que, com naturalidade, expõe as peculiaridades de se ser angolano, estrutura narrativa que se aproxima da elaborada por Mário Pinto de Andrade em “Eme Ngana, Eme Muene”. Em um só trecho pode-se vislumbrar como Mário António tece práticas alimentares, condições trabalhistas e hábitos sociais dentro de um contexto atual:

Na palhota do Manuel Carpinteiro, a companheira preparava funji, lançando, de vez em quando, olhares inquietantes para fora. O companheiro ainda não pagara o imposto e ela sabia o quanto isso podia significar. Ultimamente, ela via-o lançar-se no vinho, levado pelos amigos. Aos sábados, aparecia-lhe embebedado e apenas com uma pequena parte da feria recebida, e era ela quem tinha de manter a casa, lavando para a senhora da baixa. [...] Era dura a vida nas obras! Logo às 7 horas começava a faina, ao apito do chefe branco. E depois era trabalhar, trabalhar sem parar para não ouvir os ralhos do mestre ou suportar suas violências. (*Mensagem – A Voz dos Naturais de Angola*, Luanda, ano 2, out/1952, nº 2-4, p. 15).

Também o conto “A Conceição” de Humberto da Silvan pode ser considerado uma obra com função social incontestável. Emaranhado em um enredo que gira em torno de conflitos amorosos, nele são evidenciados problemas sociais como a discriminação racial e social, o abuso de poder, a corrupção, a violência doméstica, a exploração de mão-de-obra, entre outras tensões de cunho social. De fato, pode ser considerado um retrato crítico da sociedade angolana dos anos 1950, cumprindo as funções de um “verdadeiro poeta de luta” ao enfrentar os problemas sofridos pelo menos privilegiados de Angola, isto é, a maioria da população. Sem abrir mão do lirismo e da valorização de elementos culturais autóctones,

Silvan exerce sua função social através da denúncia da realidade, construindo o que a angolanidade literária de 1950 pretendia ser e dizer.

Ao lado dos contos de Humberto da Silvan, Mário António e Agostinho Neto, os de Andrade manifestavam igualmente uma poesia dedicada a construção da angolanidade literária conforme as aspirações do contexto: era o momento de reivindicação de uma forma e de um conteúdo literário próprios. O conto “Eme Ngana Eme Muene” exerce uma função social, pedagógica e política. Três funções que, se observada a sua trajetória, são próprias de sua atuação enquanto intelectual que já àquela altura vinha cunhada por uma assinatura política em alto relevo. E com alto relevo, assim como pode-se perceber nas elaborações de António Jacinto, a tônica marxista da luta de classes.

Através da fala de um dos personagens, Mário de Andrade trata a questão da desigualdade social e também racial de modo a encaminhar profundas reflexões. O destaque de sua obra se dá muito em função não apenas da denúncia, mas também porque, envolvendo o leitor no drama do enredo, incita uma tomada de consciência da realidade a fim de alterá-la. O envolvimento é garantido dada a verossimilhança com a realidade social de Angola. A identificação, construída também através dos elementos culturais dispostos no texto, permite que suas falas exerçam poder sobre a vida pessoal e social dos leitores. Os personagens criados (Zuzé, nga Xixa, Carlota, entre outros) parecem arrancados da vida real de Angola, de um musseque¹⁸ qualquer, o que sem dúvida imprime humanidade ao seu texto.

Considerações finais

Assumindo diferentes níveis, o material de *Mensagem* parece revelar os elementos essenciais da angolanidade literária em construção. O paralelo com as concepções negritudinistas permitiu entrever a superação da ideia de um purismo negro a partir de uma perspectiva multirracial e multicultural. Neste sentido, podemos previamente afirmar que *Mensagem* emitia seus lances a fim de um caráter humanista, neste sentido as marcas do princípio ativo negritudista iam sendo readaptadas, logrando a conformação de uma angolanidade literária que teria como essência a consolidação de um caráter totalizante e, ainda assim, próprio de Angola. Por outro lado, compreendendo que a angolanidade literária buscava sua ligação com a estrutura social angolana, torna-se compreensível a aproximação com os instrumentos retóricos e estilísticos de movimentos culturais cujo enfoque fosse a

¹⁸ *Grosso modo*, musseque pode ser equiparado à uma “favela” angolana. Há de se pontuar, entretanto, que a partir especialmente da aceleração do processo de urbanização nos anos 1950, os musseques eram habitados por um grupo heterogêneo em que diferentes origens raciais, sociais e etnolinguísticas se entrecruzavam.

crítica social. E não apenas compreensível, mas intencional. Assim, ao fagocitar recursos literários socialmente funcionais, a intervenção social poderia potencialmente promover uma alteração no campo linguístico, no campo psicológico e no campo histórico.

Este último, diga-se de passagem, altamente dependente da reconstrução da memória efetuada pelo discurso mensageiro, cuja construção tática se baseava na ideia de resistência a partir da premissa básica da denúncia. O modo como foram construídas é produto de diferentes variantes e, neste sentido, a trajetória de seus construtores é de sua importância. Destarte, a angolanidade literária é também reflexo das demandas daqueles anos de opressão política e cultural. E seria esse "modo de conceber o mundo" que dinamicamente redefiniria o que haveria de ser evidenciado pela "novíssima geração" de poetas de Angola. Construída como instrumento de legitimação do discurso literário de *Mensagem*, essa angolanidade literária pode ser considerada a essência e a aparência da identidade de uma Nova Cultura de Angola de um modo bastante específico. Dentro de seu inerente movimento dialético e evolutivo, ela foi sendo construída a partir da lógica da totalidade do presente e do passado em prol de um futuro de liberdade em construção.

Referências bibliográficas

- AIMÉ, Césaire. Discurso sobre o colonialismo. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.
- BATSÍKAMA, Patrício. "Leitura antropológica sobre Angolanidade". Sankofa. Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana, ano VI, nº XI, ago., 2013.
- CÂNDIDO, António. Formação da literatura brasileira: momentos decisivos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1981.
- CHAVES, Rita. Angola e Moçambique: experiência colonial e territórios literários. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.
- _____. A formação do romance angolano: entre intenções e gestos. São Paulo: Via Atlântica, 1999.
- DURÃO, Gustavo. A construção da Negritude: a formação da identidade do intelectual através da experiência de Léopold Sédar Senghor (1920-1945). 2011. 151 folhas. Dissertação (Mestrado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.
- FERREIRA, Manuel. Literaturas africanas de expressão portuguesa. 1ª edição, vol. I, Lisboa: Biblioteca Breve, 1977.

- JORGE, Manuel. "Nação, identidade e unidade nacional em Angola: conceitos, preceitos e preconceitos do nacionalismo angolano". Revista Lattitudes, n.º28, dez., 2006.
- _____. "O Papel dos Escritores Angolanos na Construção da Identidade Nacional". Ensaio publicado pela União dos Escritores Angolanos (UEA), Paris, 2002.
- KAJIBANGA, Víctor. "Crise da racionalidade lusotropicalista e do paradigma da criouldade (o caso da antropossociologia de Angola)". África: Revista do Centro de Estudos Africanos. São Paulo, n.º 22-23, 1999/2000/2002, pp.141-156. Disponível em: <[http://cea.fflch.usp.br/sites/cea.fflch.usp.br/files/u6/V%C3%ADctor%20KAJIBANGA .pdf](http://cea.fflch.usp.br/sites/cea.fflch.usp.br/files/u6/V%C3%ADctor%20KAJIBANGA.pdf)> Acesso em: 11 out. 2015.
- KANDJIMBO, Luis. O endógeno e o universal na literatura angolana. Comunicação apresentada no painel cultural do Seminário sobre a Realidade Política, Económica e Cultural de Angola, Paris 6-9 de Novembro de 2001, realizado pela Embaixada de Angola em França por ocasião da Festa Nacional. Disponível em: <<http://www.nexus.ao/kandjimbo/SEMINARPAR.pdf>> Acesso em 2 set. 2014
- MARGARIDO, Alfredo. Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa. Lisboa: A regra do jogo, 1980.
- MIGNOLO, Walter. Histórias locais, projetos globais. Belo Horizonte: UFMG, 2004.
- NASCIMENTO, Washington Santos. Contornos das identidades angolanas: o "crioulo, o "assimilado" e o "angolano" na segunda metade do século XX (1945-1975)". Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul., 2011.
- SANTOS, Dorizeth Aparecido dos. Da ruptura à consolidação: um esboço do percurso literário angolano de 1948 a 1975. UEPG: Ciências Sociais Aplicadas, jun., v. 15, n.º 1, 2007, pp. 31-42. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/sociais/article/view/2808>> Acesso em: 18 out. 2013.
- ROCHA, Jofre. Geração de 50: um percurso literário e a sua importância na luta de libertação nacional. Belo Horizonte: Scripta, v. 1, n.º 1, 1997.
- TRIGO, Salvato. A pética da Geração de Mensagem. Porto: Brasilia Editora, 1979.
- VENÂNCIO, José Carlos. Literatura e poder na África lusófona. Lisboa: Casa da Moeda E.P., 1992.

Karina Ramos: Graduada em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Recém integrada ao Programa de Pós Graduação em História Social da Cultura da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PPHSC/PUC-RIO), desenvolve uma pesquisa que verifica a relação entre alimentação e identidade cultural em Angola entre os anos de 1926 e 1961.

Artigo recebido para publicação em: julho de 2017
Artigo aprovado para publicação em: julho de 2017

Como citar:

RAMOS, K. H. A angolanidade literária nas páginas da Revista Mensagem(1951-1952). **Revista Transversos. “Dossiê: Áfricas e suas diásporas”**. Rio de Janeiro, n°. 10, pp.277-296, Ano 04. ago. 2017. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos>>. ISSN 2179-7528.
DOI: 10.12957/transversos.2017.29973

